

da Silva Prazeres Souza, Giselle Gomes; de Carvalho Andrade, Ítalo Rômany; Alves de  
Lucena Filho, Severino; Maux, Suelly  
Anarriê, Alavantu: Performances Folkcomunicacionais promotoras do Desenvolvimento  
Local na Quadrilha Junina Tradição -Recife, PE  
Revista Internacional de Folkcomunicação, vol. 15, núm. 34, enero-junio, 2017, pp. 13-25  
Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Ponta Grossa, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=631770206009>

## **Anarriê, Alavantu: Performances Folkcomunicacionais promotoras do Desenvolvimento Local na Quadrilha Junina Tradição - Recife, PE<sup>1</sup>**

*Giselle Gomes da Silva Prazeres Souza<sup>2</sup>*

*Ítalo Rômany de Carvalho Andrade<sup>3</sup>*

*Severino Alves de Lucena Filho<sup>4</sup>*

*Suelly Maux<sup>5</sup>*

### **RESUMO**

Anarriê, Alavantu! Durante o mês de junho, o povo nordestino comemora os festejos populares dedicados aos santos juninos, ao som de muito forró. A quadrilha tornou-se a dança típica da festa, onde diversos casais gritam, se entrelaçam entre fitas e mãos, a exemplo da Junina Tradição, do Morro da Conceição, periferia do Recife, Pernambuco. Entretanto, os quadrilheiros desse grupo utilizam a dança não só como diversão, mas sim como um espaço de lutas, de resistência, de quebra de preconceitos. Dentro desse contexto, o trabalho analisa as performances folkcomunicacionais na Junina Tradição, que são promotoras do desenvolvimento local, nos âmbitos social e político, conforme os resultados obtidos. Trata-se de um estudo na perspectiva da Folkcomunicação, na qual foram utilizados análise documental e entrevista semiestruturada.

### **PALAVRAS-CHAVES**

Performance; folkcomunicação; desenvolvimento local; cultura.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 4 (Folkcomunicação e Desenvolvimento Local) da XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

<sup>2</sup> Mestranda pelo programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: giselle.zeli@gmail.com

<sup>3</sup> Mestrando pelo programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex), da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Jornalista formado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: italoromany@outlook.com

<sup>4</sup> Professor Doutor do Programa de Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: recifrevo@uol.com.br

<sup>5</sup> Professora Doutora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), email: suellymaux@gmail.com. Participante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Gênero e Mídia

## **Anarriê, Alavantu": Folkcomunicacionation performances promoters Local Development in "Quadrilha Junina" Tradition – Recife, PE**

### **ABSTRACT**

Anarriê, Alavantu! During the month of June, the Northeastern people celebrate the popular festivities dedicated to the saints of June, to the sound of much forró. The gang became the typical dance of the party, where several couples shout, intertwine between tapes and hands, like the Junina Tradition, from Morro da Conceição, on the outskirts of Recife, Pernambuco. However, the gang members of this group use dance not only as fun, but as a space of struggle, resistance, and prejudice. Within this context, the work analyzes the folkcomunicacional performances in the Junina Tradição, that are constructors of the local development, in the social and political scope, according to the obtained results. It is a study from the perspective of Folkcommunication, in which documental analysis and semi-structured interview were used.

### **KEY-WORDS**

Performance; folkcommunication; local development; culture.

### **Introdução**

A Quadrilha Junina Tradição, que nasceu em 2004, no Morro da Conceição, em Recife-Pernambuco, é um retrato da comunidade performatizada através da dança típica. Sim, “performatizada”, pois o grupo composto de mulheres, homens e transexuais fazem da Junina Tradição um território de identidades, de pertencimento ao local ante a exclusão social e o preconceito experimentando pelos quadrilheiros.

A Quadrilha Junina Tradição aborda temas diferenciados pois trata de questões sociais dentro dos arraiais. Em 2013, com o tema “Bilhete Premiado”, o grupo artístico trouxe dois homens beijando-se, no lugar do casamento tradicional entre um homem e uma mulher, quebrando, dessa forma, as performances que são narradas tradicionalmente nos festejos juninos espalhados pelo país. O casamento junino de homossexuais.

A comunidade do Morro da Conceição, assim, apresenta um contexto de exclusão social e utiliza-se de várias estratégias de manifestações culturais e religiosas para driblar diversos cenários, na perspectiva da cultura para a construção de um processo de igualdade, respeito e valorização dos saberes.

A partir dessas questões, este artigo tem como objetivo analisar as performances folkcomunicacionais presentes na Quadrilha Junina Tradição e as conexões que são estabelecidas no processo de construção do desenvolvimento local, dentro dos anseios sociais. Especificamente, o estudo se volta para identificar essas relações a partir do cotidiano desses quadrilheiros de contexto popular.

É válido ressaltar, assim, como pontua Tauk Santos (2009), que os contextos populares devem ser compreendidos como cenários onde predominam populações que vivem em condições de desigualdades do ponto de vista social, político e econômico. A principal característica desses grupos, segundo a autora, é a contingência, ou seja, o acesso aos bens materiais e imateriais se dá de forma incompleta, desigual e desnivelada.

Este estudo dará voz às pessoas silenciadas dentro do seu contexto popular que são apenas evidenciadas na época dos festejos juninos para atender os interesses da sociedade e da mídia. No entanto, os quadrilheiros como sujeitos sociológicos defendem a premissa dos diversos aspectos das transformações da sociedade globalizada, onde o sujeito não é algo individual e temporal, sendo assim, não é autônomo e autossuficiente, mas sempre necessita um do outro em todo o tempo para o bem-estar comum.

Neste sentido, Hall (2005, p.11) diz que

Identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

Na Junina Tradição, o sujeito é percebido entre duas dimensões: interior e exterior, entre o mundo pessoal e o público, nas suas realidades duras e na beleza do espetáculo. O desafio é alinhar essas realidades e as performances folkcomunicacionais em uma mesma direção.

Fazendo este recorte, a pesquisa se propõe a analisar as performances folkcomunicacionais presentes na Quadrilha Junina Tradição, espaço de luta utilizado por grupos marginalizados como forma de serem ouvidos e aclamados na comunidade e no país.

Foram entrevistados quatro quadrilheiros, com idades entre 24 e 38 anos, todos homens, visto que só temos homens na direção da quadrilha. Dado interessante, porque as

mulheres do Morro, exercem várias funções e têm muita dificuldade em assumir tal papel. Neste caso, elas priorizam o seu tempo para dançarem. Este aspecto é interessante e pode abrir margem para futuras pesquisas sobretudo, porque a presença de mulheres transexuais é enorme na quadrilha Junina Tradição. No entanto, os quadrilheiros entrevistados tem dois com Ensino Médio Completo e dois com Ensino Superior Completo, nos cursos de Licenciatura em História e Pedagogia. Utilizamos o roteiro de entrevista semiestruturado para evidenciar os aspectos de identidade, desenvolvimento local e performances folkcomunicacionais presentes na Quadrilha Junina Tradição, além da análise documental.

### **Performances Folkcomunicacionais**

A expressão “performances folkcomunicacionais” é novo ainda no meio acadêmico, que surge ante a necessidade de uma construção social e cultural acerca das performances ensejadas por grupos marginalizados, conforme os estudos de Luiz Beltrão (1980). A pesquisa está sendo desenvolvida pelo mestrandinho Ítalo Rômany de Carvalho Andrade, sob a orientação do professor doutor Severino Alves de Lucena Filho, na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), pelo Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex).

Performance, neste caso, é qualquer expressão, marca ou identidade que visa passar uma mensagem, seja por um gesto, uma dança, uma encenação - artística ou não. Nas feiras livres, por exemplo, as performances estão presentes nas abordagens dos vendedores, na utilização de expressões para chamar a atenção do comprador. Neste sentido,

[...] a performance da fala carrega a perspectiva de uma interpretação. Parte de uma afirmação incontestável de que, na comunicação oral, a capacidade de convencimento é maior, a possibilidade de constituição da veracidade é mais crível, sobretudo quando da utilização de recursos performáticos, o que aumenta o efeito de persuasão. (CAMARGO; REINATO; CAPEL, 2011, p. 13-14)

Através dessas conotações, as performances culturais, no sentido dado por Singer (1972), vêm a complementar o processo de entendimento da relação construída pelo popular, abordando a questão das manifestações e representações estabelecidas na comunidade e nos vínculos ali desenvolvidos, produzindo significados.

São marcas identitárias, traços que se situam entre o significado formal, social e subjetivo. Linhas de teia que enlaça a tridimensionalidade de objetos, só arranjados para fins metodológico de análise, mas que se realizam nas múltiplas vias, cruzamentos, determinações e espaços. (CAMARGO; REINATO; CAPEL, 2011, p. 12).

Dentro dessa perspectiva, performances culturais são atos e formas que geram ambiguidades, traços que se situam na teatralidade, na encenação, nos gestos. “Estudam-se os dramas, as espetacularidades [...], espaço vazio em que desfilam personagens e suas sociabilidades, repertórios político-culturais [...].” (CAMARGO; REINATO; CAPEL, 2011, p. 20).

Já a Folkcomunicação vem a nortear os estudos das comunicações populares no Brasil, dentro das pesquisas de Luís Beltrão, nos anos 1960, através da tese de doutorado intitulada “Folkcomunicação: um estudo dos agentes e meios populares de informação de fatos e expressão de ideias”.

O Brasil, no momento em que a Folkcomunicação surge, estava sob o regime ditatorial. A teoria, assim, veio no sentido de dar voz aos grupos marginalizados, à cultura popular, além de “estudar as brechas deixadas de lado pelos investigadores de comunicação, que até então ignoravam ou não tinham percebido a função dos comunicadores folk nas redes de comunicações cotidianas.” (TRIGUEIRO, 2008, p.35).

Os grupos marginalizados, segundo Beltrão (1980, p.40), foram tipificados na seguinte estrutura:

- 1. Os grupos rurais marginalizados**, sobretudo devido ao seu isolacionismo geográfico, sua penúria econômica e baixo nível intelectual.
- 2. Os grupos urbanos marginalizados**, compostos de indivíduos situados nos escalões inferiores da sociedade, constituindo as classes subalternas, desassistidas, subinformadas e com mínimas condições de acesso.
- 3. Os grupos culturalmente marginalizados**, urbanos ou rurais, que representam contingentes de contestação aos princípios, à moral ou à estrutura social vigente (grifo do autor).

Desse modo, os grupos excluídos possuem características similares e diferentes ao mesmo tempo, de acordo com a localidade ou classe que pertencem. No meio urbano, os

garis ainda são vistos como “invisíveis”, por causa do trabalho que desenvolvem com o lixo. As pessoas do meio rural são colocadas como “ignorantes”, por viverem em áreas distantes dos centros urbanos.

A Folkcomunicação, assim, vem a permear os estudos sob os aspectos sociais do popular, focalizando, principalmente, na comunicação marginalizada, nas performances culturais que são inerentes ao processo de construção do desenvolvimento local, na esfera do protagonismo enquanto ser participante das ações.

Performances folkcomunicacionais, a partir desses esboços, contribuem com os estudos de Beltrão, ampliando as margens da teoria no século XXI, principalmente aos tempos de discussões e debates acerca de gênero, cor, classe social, que surgem nas redes sociais e no cotidiano dos grupos marginalizados.

### **Morro da oração, morro de emoção**

Morro da Conceição é um espaço solidário, heterogêneo e territorializado por diversos segmentos culturais, religiosos e sociais. A Escola de Samba Galeria do Ritmo fica a poucos metros do Santuário de Nossa Senhora da Conceição, que também fica próximo a um centro de umbanda. As relações sociais estabelecidas dentro da comunidade trazem consigo também a troca e a partilha entre os moradores dos seus bens materiais e imateriais.

Dados da Prefeitura Municipal do Recife apontam que a comunidade tem uma população estimada em 10.182 habitantes, onde 57,73% são considerados pardos, 30,45% brancos e 10,48% pretos. Ainda de acordo com a Prefeitura, há 2.955 domicílios.<sup>6</sup>

As escadarias estreitas do Morro levam os moradores e visitantes até o ponto extremo, onde fica o Santuário de Nossa Senhora da Conceição, santa que deu origem ao nome do bairro. Os fios dos postes entrelaçados nas vielas refletem, de alguma maneira, as relações dos moradores uns com os outros.

Na primeira semana de dezembro, o santuário realiza a Festa do Morro, em homenagem à Santa. A própria formação histórica do Morro tem a ver com Nossa Senhora da Conceição. O então bispo de Olinda, Dom Luiz Raymundo da Silva Brito, escolheu o Morro da Boa Vista para elevar à Virgem Imaculada, criando um monumento que durasse através das

<sup>6</sup> **Morro da Conceição, Prefeitura do Recife.** Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/morro-da-conceicao>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

gerações. A primeira festa ocorreu no dia 8 de dezembro de 1904, com a inauguração da estátua, que foi trazida da França. A partir desse dia o Morro da Boa Vista passou a ser denominado definitivamente como Morro da Conceição.<sup>7</sup>

A fé, entretanto, não é a principal característica da comunidade, que também é um espaço de resistência e de lutas, como a formação do Conselho de Moradores, que hoje é uma Associação, e a ocupação do largo da Igreja Nossa Senhora da Conceição (conhecido como Praça do Morro) pelos moradores - ante a decisão do Padre Constante, que nos anos 1990 cercou a praça impedindo as pessoas de usufruir do espaço.

É a partir da visualização deste distanciamento social e econômico da ideia de desenvolvimento local que se constrói a categoria na academia, por volta de 1990, visto que a promoção desta modalidade pode ser uma possível resposta a esse abismo instaurado pelo processo econômico proposto.

Se o tipo de desenvolvimento capitalista é por natureza excludente, vislumbramos outras possibilidades de pensar o desenvolvimento. Nesta linha o conceito de desenvolvimento local merece nossa atenção:

[...] Um esforço localizado e concertado, isto é, são lideranças, instituições, empresas e habitantes de um determinado lugar que se articulam com vistas a encontrar atividades que favoreçam mudanças nas condições de produção e comercialização de bens e serviços de forma a proporcionar melhores condições de vida aos cidadãos e cidadãs, partindo da valorização e ativação das potencialidades e efetivos recursos locais. (DE JESUS, 2003, p.72).

O processo de participação popular, de ocupação de espaços, de cidadania são, dentro dessa conjuntura que se aborda neste artigo, vieses que são valores endógenos na constituição da identidade, dos anseios e das relações existentes entre os quadrilheiros, que são na sua maioria moradores do Morro da Conceição. A Quadrilha Junina Tradição é, portanto, reflexo dessa política.

É no conceito de territorialidade que conseguimos enxergar as dinâmicas sociais e culturais da atualidade presentes no Morro. Raffestin (1993, p. 160)

*[...] considera que a territorialidade é mais do que uma simples relação homem-território, indicando que para além da demarcação de parcelas*

<sup>7</sup>As origens do Morro da Conceição do Recife. Disponível em: <<http://festamorrodaconceicao.blogspot.com.br/p/a-igreja.html>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

*individuais existe a relação social entre as pessoas. Dessa forma, a territorialidade seria "um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaco-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema". Considerando-se a dinâmica dos fatores envolvidos na relação, seria possível a classificação de vários tipos de territorialidade, desde as mais estáveis às mais instáveis.*

O local da pesquisa apresenta um cenário próprio à exclusão social, no entanto tem ações de mobilização comunitárias, a participação social com as instituições locais (públicas e privadas) e os processos criativos - características comuns do desenvolvimento local, sob a ótica do social, no debate sobre igualdade de gênero, valorização dos saberes e do endógeno, percepção da identidade cultural etc,

[...] o qual está atrelado ao debate sobre modelo de desenvolvimento, que traz uma perspectiva de construir alternativas que busquem a inclusão socioeconômica, a valorização da cultura popular, os recursos endógenos e a autonomia das populações locais, buscando fazer uma articulação em torno da agroecologia enquanto abordagem científica e um paradigma em construção para o desenvolvimento local. (PIRES; SOUZA LIMA, 2012, p. 16).

O desenvolvimento busca, no local, dar voz aos grupos marginalizados da comunidade, clamando o protagonismo social dos sujeitos envolvidos nas estruturas que sustentam as relações culturais.

### **Anarriê, Alavantu: origem das quadrilhas**

A quadrilha junina é uma dança típica conhecida durante os festejos aos santos celebrados durante o mês de junho: Santo Antônio, São João e São Pedro. Segundo Lucena (2012), as danças nos festejos juninos tornaram-se a mais expressiva manifestação folclórica do Nordeste, buscando preservar marcas da cultura popular rural.

Com a globalização, a quadrilha passou por algumas mudanças, que são percebidas pelos próprios quadrilheiros da Tradição:

A quadrilha junina vive num processo de globalização, vamos dizer assim...e de crescimento de todas as frentes. Tudo o que a gente vivenciou no passado. As músicas que a gente tinha acesso eram umas, agora são outras, tudo era assim, e assim também é com a quadrilha junina. Então a quadrilha na minha infância,

eram quadrilhas mais tradicionais, era de cunho, numa perspectiva mais rural, mais do campo, mais matuta e ela foi desenvolvendo, do tradicional para o estilizado, do estilizado para o recriado, e usamos muito essa história do recriado, até chegar o tempo de ser chamado de Junino. São quadrilhas mais juninas. Elas se adaptam melhor ao seu tempo. São quadrilhas que, se você for pelo pé da letra, uma quadrilha junina mais caipira hoje, uma quadrilha mais tradicional, mais rural, em algum momento ela não dialoga com a sociedade moderna, contemporânea. (quadrilheiro 01)

A quadrilha junina tem origem em Paris, durante o século XVIII, em referência à “quadrille”, uma dança de salão que era composta por quatro casais. Na época, quem a dançava era a elite europeia. A quadrilha chegou ao Brasil por volta de 1830, no período da Regência. Com o sucesso, a dança acabou “conquistando” o povo, ganhando popularidade no país com o tempo.<sup>8</sup>

Lucena (2012, p.58) destaca que a quadrilha junina saiu das escadarias do palácio e caiu no gosto popular, ganhando “várias modificações estéticas, musical e coreográfica.” Benjamin ressalta o fator social como um processo inerente à dança popular.

A quadrilha, hoje associada ao casamento matuto, vai se transformando em um folguedo de natureza complexa. O casamento matuto é a representação onde os jovens debocham com muita liberdade e malícia da instituição do casamento, da severidade dos pais, do sexo pré-nupcial e suas consequências, do machismo etc. Tal representação crítica acaba por reforçar os papéis sociais e os valores da moral tradicional. (BENJAMIN, 1989, p.100)

Após sofrer diversos processos de hibridização, de mudanças nas formas de apresentação, a quadrilha ganha força e ritmo na região Nordeste. Na França, como dança de salão nobre, as pessoas usavam perucas, roupas pomposas - o mais "chique" possível, pois a elite estava em festa. No Brasil, saem as vestimentas da corte, entram o chapéu de palha, a sandália de couro, os vestidos remendados. Do francês só ficaram as palavras "alavantu", "anarriê" e "balancê".<sup>9</sup>

### **A Junina Tradição: a estrela que sempre estreia no Arraial**

---

<sup>8</sup>Saiba de onde vem a quadrilha, dança típica das festas juninas. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/cultura/2013/06/saiba-de-onde-vem-a-quadrilha-danca-tipica-das-festas-juninas>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

<sup>9</sup>Você sabe como surgiram as quadrilhas e as roupas juninas? Disponível em: <[http://www.jornaldaparaiba.com.br/noticia/25817\\_voce-sabe-como-surgiram-as-quadrilhas-e-as-roupas-juninas](http://www.jornaldaparaiba.com.br/noticia/25817_voce-sabe-como-surgiram-as-quadrilhas-e-as-roupas-juninas)>. Acesso em: 11 mar. 2017.

A Quadrilha Junina Tradição surgiu em 04 de fevereiro de 2004, com um grupo de seis jovens quadrilheiros oriundos de outros formatos de quadrilhas juninas. O nascimento da Junina Tradição se deu por causa dos enfrentamentos com outros grupos de quadrilha no Morro, além da vontade de experimentar novos formatos.

A primeira categoria definida no artigo foi a identidade dos quadrilheiros, conforme as falas dos entrevistados.

Eu dançava em outra quadrilha até 1999 na fuzuê que é de Olinda. Aí, eu vim dançar na origem em 1999. Aí da Origem, que é o mesmo grupo da direção. Eu vim através de Gimmy, que foi marcador nosso...de Tarcisio que foi diretor da Origem Nordestina. Dancei nove anos em Olinda. Eu dançava na Origem, mas quando os meninos fundaram a Tradição, eu não ia mais dançar quadrilha aqui no Morro, eu ia dançar em outra quadrilha, eu ia dançar na zabumba, porque eu tinha me chateado com algumas coisas que tinha acontecido na origem mas eu não era diretor, era só componente ,então eu fui seguir o meu caminho. Só que eles (os amigos) começaram a ligar pra mim, vamos fazer a Junina Tradição, vamos fazer..aí eu vou mas só vou se uns amigos meus forem ,aí eu chamei Peracio e Anderson. Sempre fomos muito amigos. Aí fomos os três para a Tradição. (quadrilheiro 02)

Segundo Hobsbawm (1995), esses grupos eram unidos pela coletividade: era o domínio do “nós” sobre o “eu”, o que dá para a Junina Tradição uma força original que é justificada pela convicção dos quadrilheiros que entendem que só podem melhorar e ganhar os campeonatos pela ação coletiva. Conforme diz o quadrilheiro 02,

Ser tradição para mim é um sentimento de...me emociona muito falar da Tradição porque eu não tenho filho, mas eu construí uma filha, que fez 13 anos, que é a Tradição. Uma das coisas mais importantes da minha vida é a quadrilha. Eu deixo qualquer coisa pela Tradição. Ser tradição para mim. Eu aprendi a ser tradição com os meus amigos. Que eu acho que na Tradição, a gente se torna uma família. É isso que me faz ser tradição: uma família. (quadrilheiro 02)

A Junina Tradição representa um papel político para a comunidade, pois traz consigo relações horizontais, uma gestão participativa que é evidenciada apenas na especificidade desta quadrilha. O quadrilheiro 01 evidencia que Ser Tradição é ser comunidade, estabelecendo assim, as relações horizontais:

Ser Tradição é ser comunidade. Ser Tradição é experimentar um novo jeito de fazer quadrilha. Acho que é valorizar o potencial latente que cada pessoa tem.

Ser Tradição é poder fazer do ciclo junino, algo mais do que só uma festa de um período do ano mas fazer do ciclo junino, um momento de encontro, de reencontro, de descoberta, de realizações. Pra mim ser Tradição é, sentir emoção. Para mim, é isso. (quadrilheiro 01)

A partir das entrevistas, verificamos que é possível sim fazer uma quadrilha participativa com uma construção coletiva. “É muita emoção dançar num grupo tão guerreiro e que todos têm direitos iguais aqui. Ninguém é melhor que ninguém aqui. É muita animação e muito fulejo essa Tradição.”(quadrilheiro 03).

A segunda categoria que analisamos foram as performances folkcomunicacionais com a construção popular dos sentidos dos espetáculos da Junina Tradição, visto que a cada ano vem se recriando dentro de processos criativos para que o coletivo seja belo e, ao mesmo tempo, com características do seu povo, do local. “Da época que eu era menino pra cá, a quadrilha mudou muito. Antes ela era bem rural, agora ela é urbana, mas com características rurais. É uma mistura bonita de se ver.” (quadrilheiro 02).

A quadrilha vai além de uma manifestação cultural pois aborda o projeto do espetáculo sempre com temas socioculturais, como o “Bilhete premiado”, em 2013, que trazia a temática do beijo de um casal de homens; um outro tema muito polêmico foi “Marcas”, em 2014, temática tão pertinente do abuso sexual de crianças; e a “Festa da Bugiganga”, de 2016, com o trabalho de solidariedade e da reciclagem, sendo este último campeão do Festival de quadrilha junina da Rede Globo Nordeste.

A terceira categoria definida no artigo é a do desenvolvimento local, visto que a cultura é utilizada com um instrumento de profissionalização dos componentes da quadrilha promovendo assim, renda para os quadrilheiros. As profissões são as mais diversas: coreógrafos, maquiadores, projetistas, roteiristas, aderecistas, costureiros, serralheiros, entre outros.

Eu acho que uma das quadrilhas que mais profissionaliza as pessoas é a Junina Tradição porque a gente sempre está dando oportunidade para as pessoas. Apesar de eu ter amizade assim com todos os outros grupos, de ouvir o pessoal mesmo, a Tradição dá oportunidade mesmo, coisa que outros grupos não dá. A gente sempre, todo ano que a gente faz avaliação, a gente sempre traz um componente novo para a Diretoria para começar a seguir os nossos caminhos, para ver o outro lado. Para não só brincar e sim administrar. E começamos a profissionalizar vários setores, de adereços, de coreografia, de projeto. A Tradição já lançou vários projetistas. Vários coreógrafos, vários aderecistas. Tudo filho de Tradição. Tudo filho de Tradição porque posso citar até nomes,

Anderson Gomes, começou aqui como projetista, Cleidson, começou aqui como Tradição e hoje é um bom projetista. Ricardo, veio pra cá para coreografar e hoje é coreógrafo e projetista. Nayna, chegou aqui para ser coreógrafo e faz trabalho. Temos aderecistas, Gio, Claudia. (quadrilheiro 04)

Além da promoção de renda tão pertinente para o contexto popular, a articulação com as instituições públicas e privadas também é uma realidade.

Nós temos pouco incentivo mas temos um apoio sim. Da prefeitura na época junina, temos um apoio de uma gráfica, que mandamos fazer as camisas e os copos, da Galeria do Ritmo, local que ensaiamos, do Clube Acadêmico, local que fazemos nossas festas e alguns ensaios. (quadrilheiro 03)

Dentro da análise das performances folkcomunicacionais como construtora do desenvolvimento local, os aspectos da cultura como profissionalização para a promoção de geração de renda e a articulação das instituições são reconhecidos dentro da pesquisa como instrumentos de ressignificação dos saberes, do local, do território.

## Considerações finais

A experiência da vivência com o Morro da Conceição demonstrou que, na complexidade da sociedade globalizada, onde estão inseridos os contextos populares locais, é importante a valorização do endógeno, ou seja, a capacidade cultural e as articulações institucionais, quer sejam elas públicas ou privadas, precisam incentivar uma possível construção do desenvolvimento local.

Constatamos que, a partir dos objetivos propostos, o trabalho verificou que as performances folkcomunicacionais na Quadrilha Junina Tradição são construtoras do desenvolvimento local, nos âmbitos social e político. E evidenciamos que o objeto de estudo apresenta inúmeras possibilidades para outras pesquisas dentro da Folkcomunicação e do Desenvolvimento Local - a exemplo do folkmarketing, investigando, por exemplo, a quadrilha como produto comercial dos moradores do Morro.

De fato, apesar de todas as agruras presentes no contexto popular, o grupo da Junina Tradição não desiste de lutar por bons campeonatos, não desiste de trabalhar para melhorar de vida, dentro dos seus campos profissionais para o bem-estar da Tradição e de toda a comunidade do Morro da Conceição.

## Referências

BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. **Folguedos e danças de Pernambuco**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1989.

CAMARGO, Robson Corrêa; REINATO, Eduardo José; CAPEL, Heloísa Selma Fernandes (Org.). **Performances Culturais**. São Paulo: Hucitec; Goiânia: PUC-GO, 2011.

DE JESUS, Paulo. **Desenvolvimento local**. Disponível em:

<<http://site.cacisp.org.br/artindividual.asp?id=363>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Desenvolvimento local. In: CATTANI, D. **A Outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos. O breve século XX - 1914- 1991**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Explorações metodológicas num estudo de recepção de telenovela. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Temas Contemporâneos em Comunicação**. São Paulo: Edicon/ Intercom, 1997.

LUCENA FILHO, Severino Alves de. **Festa Junina em Portugal**: marcas culturais no contexto de folkmarketing. João Pessoa: UFPB, 2012.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática. 1993.

SINGER, Milton. **When a Great Tradition Modernizes**. Chicago: University of Chicago Press, 1972.

TAUK SANTOS, Maria Salett. **Inclusão digital, inclusão social?** Recife: UFRPE, 2009.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação & ativismo midiático**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008

**Artigo recebido em:** 10/05/2017

**Aceito em:** 27/05/2017